



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

SEVERINO MARTINS DE MORAIS

QUAIS AS RELAÇÕES ESTABELECIDAS NA CONSTRUÇÃO DA
IMAGEM DO/A ALUNO/A NA VISÃO DO/A PROFESSOR/A?

CAMPINA GRANDE – PB

2014

SEVERINO MARTINS DE MORAIS

**QUAIS AS RELAÇÕES ESTABELECIDAS NA CONSTRUÇÃO DA
IMAGEM DO ALUNO NA VISÃO DO PROFESSOR?**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC apresentado ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento as exigências legais, para obtenção do título de especialista. Sob a orientação do professor Antônio de Brito Freire com a Linha Temática Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas.

Orientador: Antônio de Brito Freire

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M827q Morais, Severino Martins de
Quais as relações estabelecidas na construção da imagem do
aluno na visão do professor? [manuscrito] / Severino Martins de
Morais. - 2014.
34 p. : il. color.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Antonio de Brito Freire, Departamento de
Letras".

1. Relação Professor-aluno. 2. Imagem. 3. Professores. I.
Título.

21. ed. CDD 371.102 3

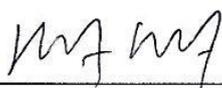
SEVERINO MARTINS DE MORAIS

**QUAIS AS RELAÇÕES ESTABELECIDAS NA CONSTRUÇÃO DA
IMAGEM DO ALUNO NA VISÃO DO PROFESSOR?**

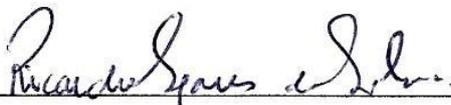
Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado ao Curso de Especialização em
Fundamentos da Educação: Práticas
Pedagógicas Interdisciplinares da
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em
cumprimento as exigências legais, para
obtenção do título de especialista.
Sob a orientação do professor Antônio de
Brito Freire com a Linha Temática Cotidiano
Escolar e Práticas Pedagógicas.

Aprovação pela Banca Examinadora em 19/07/14 de 2014

BANCA EXAMINADORA:



Examinador 1 - Dr. Antônio de Brito Freire



Examinador 2 – Dr. Ricardo Soares da Silva



Examinador 3 – Me. Carla Maria Dantas Oliveira

CAMPINA GRANDE - PB

2014

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, pela vida, por todas as bênçãos que tem me proporcionado e por me dar forças para lutar e superar cada obstáculo, chegando á conclusão deste curso.

Aos meus filhos, Ana Maria, Abraham Lincoln, Ana de Fátima que, com amor e ternura, estiveram presentes em todos os momentos da minha vida, transmitindo confiança e me incentivando a seguir em frente e estudar.

Ao meu amigo Johny Kleber, pela força, compreensão e auxílio. Não teria conseguindo sem você!

Ao meu orientador, Professor Antônio de Brito Freire, que com compreensão, estímulo e conhecimento, me auxiliou na realização deste estudo.

A todos os professores e professoras, pela valiosa contribuição de conhecimentos, os quais foram essenciais para meu crescimento pessoal e profissional.

As/os minhas/meus companheiros/as de trabalho pela força.

Aos alunos/as do ensino médio pelo apoio na realização desse estudo.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente, tornando possível a realização deste trabalho.

Alunos são cidadãos, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e nelas produzidas.

(Sônia Kramer)

RESUMO

O ensino médio é uma etapa essencial para o desenvolvimento dos adolescentes, por isso é considerada uma fase de grande relevância em sua vida. Nesta fase, muitos fatores influenciam as relações entre os alunos e os professores no cotidiano da sala de aula. A imagem sobre o papel do educador e do educando torna-se uma orientação primordial para o trabalho desenvolvido na sala de aula. Juntos professores e alunos ensinam e aprendem simultaneamente, conhecem o mundo em que vivem criticamente e constroem relações de respeito mútuo, de justiça, construindo um clima real de disciplina por relações dialógicas tornando a sala de aula um ambiente interessante e proveitoso para os envolvidos. As relações entre professor e aluno em sala de aula devem estar vinculadas à afetividade, à alegria, ao respeito e, sobretudo ao diálogo, bem como a reciprocidade ente o professor e o aluno contribuindo assim para um trabalho construtivo no processo ensino-aprendizagem. Desde o nascimento os jovens estão inseridos num contexto social e neste participa ativamente, apresentando uma capacidade de percepção e compreensão que precisam ser utilizadas e valorizadas nas instituições de ensino e mais precisamente pelos professores. Neste sentido, o presente trabalho tem por objetivo analisar e investigar quais são as relações estabelecidas na construção da imagem do aluno na visão do professor, bem como discutir a importância dessa relação na ótica do educador sobre o educando. Deve verificar as práticas de convivência em sala de aula e observar se a relação afetiva entre aluno e professor é constante. Este estudo caracteriza-se por uma pesquisa descritiva, qualitativa e também analítica e foi realizado em uma instituição pública do município de Alagoa Nova – Paraíba, na Escola Monsenhor José Borges de Carvalho, no período de Janeiro a Maio do ano de 2014 no turno tarde. Na análise dos dados comprovamos que bons relacionamentos entre professores e alunos são essenciais em sala de aula no exercício do trabalho docente. Para tanto, as técnicas de coleta de dados utilizados foram feitos através de questionário.

Palavras-chave: Imagem, Relação, Escola, Alunos, Professores.

ABSTRACT

The high school is a prerequisite for the development of adolescent stage, so it is considered a very important stage in your life. At this stage, many factors influence the relationship between students and teachers in the classroom everyday. The picture on the role of the educator and the student becomes a primary orientation to work in the classroom. Together teachers and students teach and learn at the same time, know the world they live critically and build relationships of mutual respect, justice, building a real climate of discipline by dialogic relations making the classroom an interesting and fruitful environment for those involved. The relationship between teacher and student in the classroom must be linked to affection, joy, respect and above all the dialogue and reciprocity being the teacher and the student thereby contributing to constructive work in the teaching-learning process. From birth the young are embedded in a social context and actively participates in this, with a capacity of perception and understanding that need to be valued and used in educational institutions and more precisely by teachers. In this sense, the present work aims to analyze and investigate what are the relationships established in building the image of the student in view of the teacher as well as discuss the importance of this relationship from the viewpoint of the teacher on the student. Should check the practices of coexistence in the classroom and observe the affective relationship between student and teacher is constant. This study is characterized by a descriptive, qualitative as well as analytical and research was conducted in a public institution in the municipality of Alagoa Nova - Paraíba in Escola Monsenhor José Borges de Carvalho, from January to May of 2014 the late shift. In data analysis proved that good relationships between teachers and students are essential in the classroom in the exercise of teaching. For this, the data collection techniques used were made by questionnaire.

Keywords: Image, Relationship, School, Students, Teachers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1	
1.1.CONTEXTO HISTÓRICO	11
CAPÍTULO 2	
2.1. ALGUNS PARADIGMAS QUE CIRCUNDAM A RELAÇÃO PROFESSOR/A E ALUNO/A	16
CAPÍTULO 3	
3.1. O DESENVOLVIMENTO AFETIVO E A CONSTRUÇÃO MORAL ENTRE PROFESSORES/AS E ALUNOS/AS.....	19
CAPÍTULO 4	
4.1. DESCRIÇÃO E ANÁLISES DA EXPERIÊNCIA DOCENTE NO ENSINO MÉDIO: POSSIBILIDADES E DIFICULDADES	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
APÊNDICE	32

INTRODUÇÃO

A relação do/a professor/a com seus alunos/as é de fundamental relevância para a educação, pois a maneira de agir do/a professor/a é que faz o/a aluno/a se sentir mais receptivo em seus estudos.

A afetividade, o respeito, o diálogo, a reciprocidade entre docente e discente contribuem para um trabalho construtivo, em que o/a aluno/a é tratado como alvo prioritário no processo ensino-aprendizagem.

Desta forma, é fundamental que o/a educador/a faça uso de um olhar aguçado e reflexivo diante das ações dos/as aluno/as e de sua prática, levando em consideração as necessidades de envolvimento do professor e do aluno.

A relação professor-aluno não deve ser uma relação de imposição, mas, sim, uma relação de cooperação, de crescimento e de respeito. O/a educando/a deve ser considerado como um ser ativo interativo no seu processo de construção de conhecimento.

O/a professor/a assume um papel essencial nesse processo, como um indivíduo mais experiente. Por esse motivo cabe ao/a professor/a considerar também, que o/a educando/a já sabe de sua bagagem cultural, social, educacional e intelectual para construção da aprendizagem. Os educadores formam um conjunto de mediadores da cultura que possibilita progressos no desenvolvimento do/a educando/a.

Atualmente, observamos que a maioria dos/as professores, não considera o que o/a aluno/a já sabe desconsiderando o senso comum do mesmo e estes professores/as usam disso para criticar a imagem dos alunos/as muitas vezes argumentando que estes são “incapazes”, “rebeldes”, “burros”, “sem compromisso” e até chamam de “marginais” entre outros termos. Essa prática é preocupante por contribuir para que os/as aluno/as não continuem seus estudos, abandonando a possibilidade de prestar um vestibular, fazer cursinhos pré-vestibulares ou concursos públicos, desestímulo que conseqüentemente tende a acompanhá-lo durante toda sua vida.

Sabendo da necessidade e relevância da desmistificação da imagem negativa do/a aluno/a na visão do professor/a é importante que o/a educador/a adquira habilidades e competências que possam transformá-lo em um profissional capaz de construir e modificar sua história profissional e beneficiando o/a aluno/a.

O presente trabalho apresenta sugestões que dizem respeito ao conceito, ao intuito de despertar nos/nas professores/as o interesse pela construção de uma nova imagem dos/as educando/as do ensino médio tendo em vista que a relação professor-aluno é de extrema relevância em todos os níveis e modalidades de ensino. Contudo, é através desta relação que o/a aluno/a é motivado/a a construir seu próprio conhecimento educacional, social, cultural políticos e crítico.

Quanto ao percurso metodológico, vale esclarecer que os dados apresentados neste estudo decorreram da vivência de um projeto de atuação, investigação docente e questionário aplicado a alunos/as e professores/as, desenvolvido no nosso período de estágio e investigações no componente curricular teorias e práticas de pesquisas em educação do curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, promovido pela Universidade Estadual da Paraíba.

O referido projeto foi realizado na Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Borges de Carvalho, localizado no município de Alagoa Nova-PB, nas turmas do ensino médio com alunos/as e professores/as do 1º, 2º e 3º ano, sendo 15 alunos e 8 professores no período de Janeiro a Maio de 2014, no turno da tarde. Nesse sentido, nosso estudo caracteriza-se como pesquisa descritiva, qualitativa e também analítica que, segundo Barros e Lehfeld, (2007, p. 64), *é um tipo de pesquisa social, com base empírica que busca a resolução de um problema, no qual o pesquisador é participante ativo dentro da situação de investigação*. A pesquisa foi realizada a partir da observação, intervenção e atuação do pesquisador por meio de questionários respondidos por alunos/as e professores/as.

No primeiro capítulo, contextualizamos historicamente a trajetória das relações estabelecidas na construção da imagem do/a aluno/a do ensino médio da escola em foco na visão do professor.

No segundo capítulo, expomos as teorias que permeiam a visão do professor/a acerca da imagem do/a aluno/a, os paradigmas que circulam a relação professor/a aluno/a. Vale destacar alguns estudiosos que deram sustentação teórica a este estudo e as análises decorrentes dos dados fundamentados à luz das investigações feitas por Dayrell (2003), Sposito (1997), Goulant e Santos (2011), a revista Veja (1984), Queluz (1999), Freire (2009), Zabola (2006), Cunha (2001), Peralva e Sposito (1997), Narvaes (2012), e demais estudiosos.

No terceiro capítulo trataremos sobre o desenvolvimento afetivo e a construção moral entre professores e alunos, tendo em vista que se percebe a necessidade da reciprocidade mútua.

No quarto capítulo daremos ênfase na descrição e análise da experiência docente no ensino médio: possibilidades e dificuldades, bem como a verificação dos resultados e, por fim, a demonstração em forma de gráfico sobre o questionário respondido pelos/as alunos/as.

Contudo, fez-se campo de pesquisa a caracterização do universo institucional, em seguida a observação da relação entre professores/as e alunos/as a partir da aplicação do questionário com alunos/as e professores/as do ensino médio por entendermos que o ensino médio é uma etapa essencial para o desenvolvimento educacional dos/as adolescentes e que se estenderá por toda a sua vida.

Por fim, analisamos os questionários nos quais foram identificados o posicionamento dos professores e alunos acerca da imagem que os/as professores/as têm de seus/suas alunos/as e dos/as alunos/as a respeito dos/as professores/as.

CAPÍTULO 1

1.1. CONTEXTO HISTÓRICO

Este estudo tem como objetivos principais analisar criticamente a trajetória histórica das relações estabelecidas na construção da imagem do/a aluno/a do ensino médio da Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Monsenhor José Borges de Carvalho na visão do/a professor/a, bem como discutir os avanços e retrocessos desse tema na cidade de Alagoa Nova - Paraíba.

Entendemos que este trabalho permite compreender os desafios que se colocam na sociedade contemporânea, sobretudo no que diz respeito à ação pedagógica efetiva e as práticas de convivência dos/as professores/as que atuam nesse nível de ensino.

Os estudos sobre os sujeitos da juventude e sua cultura tornam-se desafiadoras no sentido de compreender suas articulações no espaço escolar. Um desses desafios é a indefinição de quem é esse sujeito da juventude? Para Dayrell (2003, p.14), *o conceito de juventude é histórico e socialmente construído, ou seja, a juventude é uma fase da vida marcada por instabilidade geralmente associada a problemas sociais.*

O termo “adolescência” vem do latim *adolescens* ou *adolescens-participio* passado do verbo *adolescere*, que significa crescer. No entanto, o conceito de adolescente enquanto um período particular da vida de um ser humano, situado entre a infância e a vida adulta é recente na história da humanidade. De acordo com Luciana Gageiro Coutinho (2011, p.15), o conceito de adolescência só foi criado pela cultura do ocidente do século XIX, motivado pela ética individualista romântica. No século XX, a adolescência passou a ocupar um lugar cada vez mais relevante no imaginário social e educacional principalmente nos anos de 1960, quando a sociedade no tocante à escola passou a idealizar a adolescência como uma fase da vida humana em que a ordem era aproveitar a vida livremente.

A visão da adolescência do início do século XXI já se distancia da situação da adolescência do século XX. Para a psicanalista Coutinho (2011, p. 11), o que caracteriza o jovem de hoje é o fato de estar submetido às mudanças aceleradas pelas quais vem passando a

sociedade atual. O que marca a geração atual é a sua imersão na sociedade de consumo, centrada no presente e na posse de objetos e as influências das novas tecnologias, da mídia, do telefone celular e da internet, que repercutem em várias dimensões da vida do jovem. Diz Coutinho (2003, p. 22), *A adolescência hoje é marcada por desafios*. Diante disto a visão da construção da imagem do aluno/a na visão do/a professor/a foi perdendo a essência de afetividade, carinho, amor e acima de tudo respeito por parte da maioria dos/ das educadores/as, principalmente aqueles que atuam em turmas de ensino médio que, de acordo com a nossa pesquisa, não acreditam no potencial dos/as alunos/as, considerado-os(as) como incapazes, bandidos, marginais, burros, sem futuro, entre outros termos utilizados. No processo de ensino/aprendizagem os aluno/as muitas vezes são impedidos de expressarem por alguns professores que desconsideram totalmente a bagagem cultural do/a aluno/a em sala de aula.

No entanto proponho uma redefinição da relação professor/a-aluno/a a fim de discutir a construção da imagem que cada professor tem do/a aluno/a dentro do espaço escolar.

As pesquisas desenvolvidas sobre a juventude ao longo do século XX e XXI revelam questões emergentes na sociedade.

Muitas análises sobre os sujeitos da Juventude ainda guardam as marcas e os vestígios das pesquisas que relacionam o jovem com a rebeldia e violência ou passam a caracterizá-lo por um acentuado traço individualista, pela apatia política e desinteresse pelas relações sociais. Essas perspectivas, em certa medida, direcionam o nosso olhar sobre os jovens que ocupam o espaço escolar, (SPOSITO, 1997, p.10)

No Brasil, a preocupação em entender a cultura juvenil e seus sujeitos se evidenciou a partir da segunda metade do século XX. Goulart e Santos (2011, p.15)

[...] referem-se a uma pesquisa recomendada por uma agência de publicidade chamada McCann-Erickson, para conhecer o perfil da juventude brasileira. Estabeleceu como definição que o jovem é aquela pessoa pertencente à faixa etária entre 15 e 24 anos. O resultado dessa pesquisa publicado na Revista Veja, em 1984, foi celebrado como um dos maiores estudos sobre os sujeitos da juventude brasileira

Os autores afirmam que essa pesquisa revelou um resultado muito diferente da ideia formada sobre a cultura juvenil e o perfil dos jovens do país, apontando que a maioria não era tão rebelde como imaginavam, ao contrário, eles eram mais conservadores. De acordo com essa pesquisa divulgada pela Revista Veja (1984, p. 52), a juventude, em sua maioria;

[...] condena a infidelidade conjugal. Condena o homossexualismo. Tem dúvidas sobre se o aborto deve ou não ser liberado. E, quanto à educação que vem recebendo, embora ache que às vezes os pais se metem demais na vida dos filhos, afirma que não tem outro modelo a oferecer; dará a seus próprios filhos exatamente a mesma educação que vem conhecendo em casa.

Esses dados demonstram que os jovens brasileiros se organizam de diferentes formas, muitas vezes reafirmando os valores estabelecidos e outras vezes não contestando esses mesmo valores. Goulart e Santos (2011, p.17) relatam *que com base nos critérios utilizados pela agência de publicidade, cinco perfis de jovens foram analisados na pesquisa: o jovem integrado, o jovem contestador, o jovem conservador, o jovem moderno e o jovem independente*. Essa pesquisa, apesar das implicações políticas daquele momento histórico, tem um papel importante na medida em que demonstra que a cultura juvenil não é homogênea, ao contrário, encontramos jovens de diferentes perfis, questionando o imaginário social que cristalizou a ideia do jovem como rebelde, organizando assim, arranjos plurais sobre os sujeitos da juventude e seus saberes.

De acordo com Queluz (1999, p.15), *o processo precisa estar preocupado com o aluno mais do que com o conhecimento, com os seus propósitos em termos de ensino e aprendizagem e estar consciente de suas responsabilidades nesse processo*.

No entanto todo profissional da educação deve ter consciência de que somente após a formação pela qual recebeu base teórica terá condições de perceber qual é de fato a sua postura em sala de aula, o mesmo deve ter consciência de que para uma prática inovadora e que dê resultados na aprendizagem dos/as educandos/as, é relevante uma reflexão diária do que é e como ensinar, priorizando cotidianamente a imagem do/a aluno/a e sempre indagar do que este é capaz, corroborando, assim, para uma compreensão deste/a educando/a para a importância de um futuro brilhante, ou seja, é necessária uma constante reflexão do/a professor/a, quanto ao seu método de ensino em sala de aula, refletindo e identificando os pontos que precisam ser modificados para uma prática mais dinâmica e positiva na construção da imagem do aluno e conseqüente avanço no processo de aprendizagem deste aluno.

De acordo com Freire (2009, p. 65-66),

Os alunos emitem juízo de seus professores e os usam como um exemplo, sendo assim, o próprio deve ter ciência que deixa sempre uma marca em seus educandos seja como autoritário, silencioso, competente ou irresponsável, daí a importância de sua postura em sala e na comunidade.

Portanto, verificamos que existem diversas posturas assumidas pelos/as professores/as em sala; uma delas é o professor/a autocrático, que é considerado como o professor que mais constrói uma imagem negativa do aluno. Porque este docente não está interessado em saber o que seus alunos pensam e que não são capazes de chegar a lugar algum no processo educacional, sua imagem a respeito dos/as alunos/as faz com que não exista harmonia.

Para Pierre Weil (1971, p. 9), *o professor autocrático ou provoca revolta nos alunos, ou uma passividade completa levando-os a não querer fazer nada além do proposto*. É o tipo de professor que passa muitas atividades, para ocupar a turma com a finalidade de não ser incomodado e procura cumprir rigorosamente o planejamento anual não se importando se a turma aprendeu ou não. Para ele, bom/boa professor/a é aquele que cumpre todo programa mesmo que superficialmente. O/a professor/a autocrático não se importa em saber o que os alunos pensam. Ele os trata de maneira grossa, dando ordens que devem ser cumpridas sem argumentações. Em geral, é um sujeito irritável, bruto, autoritário, egoísta e incapaz de compreender os outros. Esse educador/a segue a linha pedagógica tradicional. Prega que o professor/a ensina e o/a aluno/a aprende, ou seja, a conhecida educação bancária; nessa relação, não existe trocas, diálogos, motivação etc. Não há nesse profissional qualquer intenção de se relacionar afetivamente com os/as alunos/as, o mesmo desconstrói a imagem positiva dos/as alunos/as.

No entanto, essa construção da imagem do aluno como um sujeito positivo deve se iniciar entre o professor e seu aluno a afetividade é a mais complexa e interessante, e implica no aprendizado do aluno.

Para ZABALA (2006, p. 14),

[...] o processo de aprendizagem abrange os campos cognitivos, afetivos e os comportamentais, sendo o componente afetivo influência no pensamento e na maneira como as pessoas se comportam, devido as relações pessoais que estas estabelecem. Na percepção construtivista, é o aluno que aprende e devido às relações cognitivas e afetivas este aprendizado influencia na formação da pessoa

O afeto dos/as professores/as pelos alunos/as não pressupõe querer bem a todos os/as alunos/as, nem querer bem de maneira igualitária, mas significa obter e seguir um compromisso com o ensino e com os alunos. Para Freire (2009, p. 31), *A seriedade do/a professor/a e a afetividade com seu trabalho e seus/as alunos/as caminham juntos/as*.

Afetividade não é necessariamente uma manifestação de carinho a partir de gestos ou elogios. Este tipo de afeto ocorre com mais frequência entre os próprios/as alunos/as e posteriormente com o professor. *As relações de afeto que um professor mantém com seus/as alunos/as são mais discretas e estão no âmbito da aproximação, do aluno com conhecimento de sua realidade de ensino garantindo que sua aula seja boa para todos* (Cunha, 2001, p. 10). Além das relações entre professores/as e alunos/as, o modo como o/a professor/a vê seu trabalho, e o que ele pensa sobre ele, interfere no aprendizado do aluno.

Dubet em entrevista (PERALVA e SPOSITO, 1997, p. 45) afirma que *o aprendizado dos/as alunos/as está relacionado ao apego que estes/as têm pelos seus professores/as e isto se deve ao fato de que os/as alunos/as não distinguem o interesse pela disciplina da relação com o/a professor/a.*

Portanto, é preciso estabelecer uma relação constante de integração, de amizade, afetividade, diálogo e respeito na sala de aula e em seus arredores para construção positiva da imagem do/a aluno/a pelo/a professor/a.

CAPÍTULO 2

2.1. ALGUNS PARADIGMAS QUE CIRCUNDAM A RELAÇÃO PROFESSOR/A E ALUNO/A

Lançamos a hipótese de que a convivência professor/a e aluno/a é essencial ao exercício da docência. Sendo assim, essa relação tende a ser positiva, pois aprimora a harmonia no ensino do profissional e o aprendizado dos/as alunos/as, o que simultaneamente resultará num melhor ambiente de interação.

De acordo com a pesquisadora TEIXEIRA (*apud* Narvaes, 2012, p.10) *a condição docente, entendida como o que funda a docência em sua realização, é uma relação. Essa refere-se a relação entre professores e alunos. Sendo assim, o trabalho docente ou o exercício da docência se constitui em uma relação com o discente.*

No entanto, a convivência entre professor/a e aluno/a não deve ser entendida apenas como uma relação desarmônica, gerando a mesmice ou algo já instituído e desgastado. De tal modo, é necessário vê-la como uma relação na qual se façam presentes a amizade, o respeito a igualdade humana, dentre outros fatores que possam contribuir para o sucesso dessa relação.

Nessa perspectiva, elementos inéditos e diversificados devem compor o cenário da relação que se perpetua entre o/a professor/a e aluno/a e que certamente contribui para uma relação de aprendizagens mútuas.

Como argumenta Narvaes (2012, p. 11),

A relação professor aluno pode se entendida como uma relação humana, social, cultural e histórica, uma relação que contém múltiplas dimensões, todas relacionadas entre si, que assumem tanto características genéricas quanto particulares.

Como isso, torna-se relevante que o/a docente saiba conduzir essa relação assumindo uma postura de racionalidade, compromisso e afetividade, é relevante que este profissional assuma o papel de professor/a, mas é preciso também assumir o papel lúdico na

aprendizagem. Esse profissional deve assumir a postura de professor do trabalho, mas também o profissional da brincadeira e do jogo, tornando-se o sujeito que faz a imaginação e a educação acontecer ao mesmo tempo. O ambiente escolar será pleno de concordância, diálogo, dedicação, participação, e da reciprocidade.

Percebe-se que cotidianamente essa relação entre educadores/as e educandos/as, ocorre através de encontros e desencontros, trocas e conflitos, solidariedade e disputas, amor e desamor. *A relação professor aluno seria uma relação humana complexa, onde o elemento da racionalidade é predominante, mas da qual faz parte também a dimensão afetiva e até a mítica* (Narvaes, 2012, p.12).

Dessa forma, verifica-se que essa convivência pode assumir uma característica desumana de violência entre as duas partes. No entanto, é preciso olhar de maneira diferente esse tipo de relação. Podemos observá-las e vivenciá-las como uma relação social, porque além do ensino, dos conteúdos, das disciplinas, dos diversos saberes que são adquiridos e ensinados no ambiente escolar, precisamente na sala de aula, circulam sujeitos que precisam cumprir com seus direitos e deveres, assumindo uma postura de reciprocidade a partir da troca de conhecimentos sociais, culturais, políticos e de saberes. Para Narvaes (2012, p.13) *A relação social em relação a outros tantos é envolver os sujeitos a partir da troca de conhecimento e saberes trata-se de uma relação pertencente aos processos educativos típicos das sociedades modernas.*

Docentes e discentes são sujeitos socioculturais diversificados que de acordo com sua inserção, variam de universos culturais e sociais como geracionais, de gênero, étnicos, regionais e de classe.

Como sabemos, a relação professor/a e aluno/a é realizada concretamente no espaço escolar, ou seja, na sala de aula. Atualmente nas instituições, principalmente na escola em foco, a maioria dos/as professores/as tem em visão negativa com relação ao educando/a. Entretanto, essa relação de negatividade pode influenciar de forma direta no processo de ensino e aprendizagem, acarretando uma convivência de inferioridade na qual o/a professor/a passa a acreditar que é o dono do saber e o/a aluno/a é encarado como sinônimo de incapaz, além disso, o/a aluno/a, muitas vezes acata tal postura do/a educador/a, passando a ter um sentimento de inferioridade por ter sua autoestima afetada pelo formador de suas opiniões, por aquele que tem que ser principal motivador.

Deste modo, é preciso romper estes paradigmas de que os/as educando/as são incapazes, porque, na maioria das vezes, o/a aluno/a reflete o que os/as educadores fazem em sala. Logo, é necessária uma relação mais harmônica entre professores/as e alunos/as, porque a relação influencia na dinâmica de todo o processo escolar.

Conforme expressa Castro (2007, p. 440),

Está colocado um problema no coração da docência, pois as apresentações e imagens dos docentes sobre os discentes dão significados e perspectivas as suas relações com seus alunos. Quando a dificuldade do professor está no aluno em suas relações com ele, estamos diante de um problema fundante, um desafio incomensurável.

Vale salientar que os/as discentes representam um valor significativo, nesta relação e a contribuição de uma relação dialógica pode melhorar a relação professor/aluno na sala de aula propiciando nesta relação mais humanizada melhorias no ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO 3

3.1. O DESENVOLVIMENTO AFETIVO E A CONSTRUÇÃO MORAL ENTRE PROFESSORES/AS E ALUNOS/AS.

O desenvolvimento humano acontece no decorrer da vida e é no seu dia-a-dia que cada indivíduo encontra um ambiente com regras a seguir, e toda uma história transmitida através das gerações. História na qual nós educadores/ somos autores e co-autores desde o nascimento até o fim dos nossos dias como professor/a.

Desde o início de seus estudos colocou a afetividade no centro do desenvolvimento intelectual, que para ele é contínuo e constitui-se dos aspectos cognitivo, afetivo e social: os primeiros trabalhos do epistemólogo já afirmavam a importância do afeto no desenvolvimento intelectual (Piaget, 2003, p.21).

Então, de acordo com este teórico devemos sempre inserir a afetividade cotidianamente no contexto escolar e especificamente em sala de aula, para que possamos obter bons êxitos no intelecto dos alunos.

Nos afirma Wads Worth (1997, p. XIV) lembrando que Piaget *“sempre afirmou que, na relação entre professor e aluno o desenvolvimento intelectual deve ser composto com um componente moral e ético entre ambos”*. No entanto, afetividade tem uma relevante influência na formação do intelecto de cada sujeito.

A palavra “afeto” vem do latim *afectur* (*agetur*, trocar) e constitui o elemento básico da afetividade. Já no Dicionário Aurélio (2010, p. 20), *afeto*, *sentimento de afeição ou inclinação por alguém, ou admirador, afeiçoado e dedicado*. No entanto, a afetividade insere interesses, sentimentos, desejos, tendências, emoções e valores se expressam nos gestos, nas palavras, no que fazemos e pensamos. O afeto é parte integrante da nossa subjetividade; é ele que acompanha toda e qualquer expressividade para que melhor possamos ser compreendidos.

Para o epistemólogo Piaget (2003, p. 21), *existe um paralelo constante entre a vida afetiva e a intelectual que ocorrerá no curso de todo desenvolvimento humano da infância, adolescência e idade adulta*. Deste modo, compreendemos que afetividade é um aspecto do

desenvolvimento que se deve fazer presente na relação de aluno/as e professores/as, porque não se separa do cognitivo. Para Piaget o termo *afetividade* é entendido como *os sentimentos propriamente ditos e, em particular, as emoções, as diversas tendências.*

Podemos afirmar que a afetividade influencia significativamente no desenvolvimento intelectual e pode acelerar ou retardar os ritmos de nossos/as alunos/as determinando diretamente a direção da atividade intelectual. O sistema afetivo é o “guarda-portão” como nos diz Wads Worth (1997, p.16)

[...] a afetividade é energética; o motor que impulsiona motiva e conduz os indivíduos em suas escolhas e pensamentos. Piaget explicita que, embora a afetividade cause o comportamento sem interferir no ritmo acelerando ou diminuindo o desenvolvimento, ela não pode gerar estruturas de comportamento, assim como não pode transformá-las.

Para Lima (1984,p. 29-30)

Toda afetividade em suas diversas formas (sensório, motora verbal e mental) supõe uma quantidade de energia ou “força” (afetividade): a afetividade é o motor, enquanto a inteligência é a estratégia da ação (não existe uma sem outra). Mas é a inteligência que regula a vazão energética, de modo que jamais a inteligência está ausente[...]

Piaget (*apud* BATRO, 1978, p. 27) explica que há *no ato de inteligências duas regulações de natureza afetiva: uma energética externa que se dirige para o valor das soluções procuradas e dos objetivos de pesquisa.* Complementando essa explicação. Piaget considera dois tipos de afetos: os intraindividuais e interindividuais. Os afetos intraindividuais regulam o conduta geral, são os interesses, os esforços, os afetos de toda tipo que participam na conduta interna da individuo, e os afetos interindividuais são as condutas relativas às pessoas.

Como observamos, o afeto inclui interesses, sentimentos, desejos, valores, emoções, tendências (tal como a vontade). Segundo, Piaget, *a afetividade, ou melhor, o afeto é construído, ou seja, desenvolver-se assim como aspecto cognitivo. Os aspectos do desenvolvimento cognitivo evoluem paralelamente a afetividade pelos mesmos mecanismos de construção.*

Para Wads Worth (1997, p. 36-38) *Os alunos assimilam as experiências aos esquemas afetivos do mesmo modo que assimilam as experiências, as estruturas cognitivas. O resultado*

é o conhecimento. Sendo assim a afetividade e a inteligência são indissociáveis e constituem os dois aspectos complementares de toda conduta humana.

Portanto, o aspecto afetivo exerce uma função central na dinamização, motivação e na determinação do que chama a atenção, é o dinamizador da vida mental e responsável pela relação das tarefas ou atividades a serem realizadas e ou desenvolvidas pelo/a professor/a.

Podemos afirmar que o afeto se desenvolve e estar em constante construção e evolução, contribuindo com o intelecto e com a moral, é algo que nas palavras de Piaget (2003) *está implícito e presente em toda e qualquer ação educadora.* A ação no sentido dado por ele (ações que levam o desenvolvimento não são apenas movimentos e sim comportamentos que estimulam a inteligência das crianças, jovens e adultos).

O desempenho de jovens e adultos no desenvolvimento intelectual é diretamente influenciado pelos sentimentos e visões que os/as professores/as e atividade escolares despertam. A partir desse fato muitos problemas de aprendizagem podem ser explicados. Portanto é de suma relevância que os profissionais da educação em especial os/as docentes conheçam como ser o desenvolvimento intelectual e afetivo das crianças, adolescentes e jovens, para um melhor acompanhamento e envolvimento dos mesmos no processo de aprendizagem dos/as alunos/as. Nesse sentido os novos caminhos, os novos olhares que os educadores assumirem, contribuirá para uma educação de alunos/as que apontam para novas formas de se perceber e compreender os mesmos como um ser em desenvolvimento e a face da adolescência e de adultos como construção sócio-histórica.

CAPÍTULO 4

4.1. DESCRIÇÃO E ANÁLISES DA EXPERIÊNCIA DOCENTE NO ENSINO MÉDIO: POSSIBILIDADES E DIFICULDADES

Em busca de repensar a própria prática pedagógica e de ir em busca da resposta à questão que norteava o nosso projeto: Quais as relações estabelecidas na construção da imagem do aluno na visão do professor ? no ensino médio, dentro do contexto escolar e mais precisamente na sala de aula.

Para a vivência supracitada no campo de estágio, adotamos o questionário como instrumento de coleta de dados e a partir da nossa própria ação, na condição de professor e investigador de turmas de ensino médio, sendo este instrumento aplicado com alunos/as e alguns professores/as do ensino médio.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Monsenhor José Borges de Carvalho, localizada na Rua Mariana Lima Maracajá, s/n, Alagoa Nova – Paraíba. Pesquisamos em 3 turmas de Ensino Médio perfazendo um total de 15 alunos/as e 8 professores da referida instituição de ensino no turno da tarde com adolescentes e adultos de 16 a 24 anos no período de Janeiro até Maio de 2014.

Os questionários propostos foram respondidos por 08 professores do ensino médio, em tese todos tem clareza e sabem a importância de valorizar a imagem positiva dos/as alunos/as. Vejamos o que respondem.

De acordo com a **questão 1**, quando perguntado: **Qual sua relação em sala de aula com o seus alunos(as)?** O que se tem como resposta quando dada por 08 professores: 5 consideraram a relação professor aluno positivamente, enquanto os outros 3, negativamente. Já quando perguntado aos professores sobre sua visão acerca dos alunos, percebe-se um contraponto, porque a maioria os vê de forma negativa.

Segundo a opinião dos professores A e B; o professor A argumenta que os alunos são descomprometidos com a educação, enquanto o professor B ressalta que os alunos são tranquilos, participativos e respeitosos, mas ao mesmo tempo comenta que a maioria dos

alunos é desinteressada para com os estudos. O professor A argumenta que os alunos em sua maioria busca a escola para tudo, menos para a aprendizagem, desvalorizam o conhecimento, são desinteressados e só buscam a escola por causa da família.

Contudo, percebe-se a discrepância de informações entre a resposta 1 e a resposta 2, mesmo assim vemos que os/as professores/as ainda veem com bons olhos os/as alunos/as, segundo as respostas.

Todavia, empregou-se nas respostas dos questionários o discurso do politicamente correto, algo que não é identificado no cotidiano das discussões na sala dos professores. As expressões mais recorrentes para definir os/as alunos/as são as seguintes: (e sabemos que estes termos além de denegrirem o perfil do/a estudante acabam atingindo o nível de aprendizagem destes/as) os termos “burros”, “jumentos”, “marginais”, “desinteressados”, “descomprometidos” entre outros...

No que concerne ao quesito, na pesquisa, sobre a afetividade na relação professor/a - aluno/a percebeu um equilíbrio entre as respostas.

O professor A não ver a questão da afetividade, quando afirma que “tenta manter o máximo de respeito”, ou seja, o mesmo argumenta que a relação professor-aluno termina na sala de aula, não sendo necessário o afeto, mas sim só o respeito de modo que ao analisar sua resposta comparada ao professor B que relata que procura manter uma relação de amizade para como os/as alunos/as.

Quanto à resposta analisada percebe-se que é uma relação mais ou menos harmônica entre professores e alunos, o que influencia a dinâmica de todo processo escolar, ou seja, percebe-se que o professor A não tem relação alguma com os/as aluno/as para ele “só é preciso manter o respeito, afetividade não preciso nesta relação o respeito é o suficiente”. Já o professor B, ver a questão da afetividade como positiva uma vez que este tem uma relação de amizade e afetividade, sendo assim o educador afirma “que afetividade é de fundamental relevância de ensino e aprendizagem”.

Quanto à questão do/a professor/a ser maltratado/a verbalmente pelos/as alunos/as a imensa maioria afirma que nunca foi agredida. O que de certa forma derruba o mito, pelo menos, na presente pesquisa, de que o aluno agride verbalmente o professor. Mas há exceções, porque entre os entrevistados identificamos um que já foi agredido verbalmente e

fisicamente por determinados/as alunos/as dentro da instituição onde desenvolvemos este estudo.

A **questão 5** do presente questionário trata sobre avaliação dos/as alunos/as na sala de aula: as respostas em sua maioria avaliaram os/as alunos/as negativamente, alguns frisaram a falta de motivação, “ausência de atenção”, “dificuldades de aprendizagem”, “sem compromisso”, “carentes de atenção e carinho”, “mal-educado”, “sem perspectiva futura para com os estudos”. Estas são de fato os fatores que identificam a questão da avaliação em sala de aula o que no ver destes professores consultados definem os resultados da avaliação feita em sala de aula.

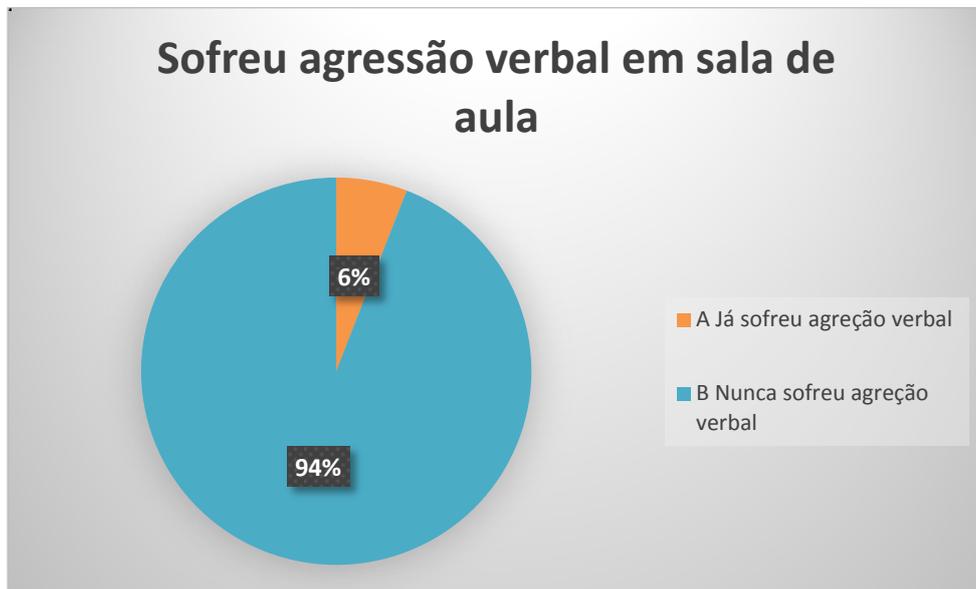
A **questão 6** trata sobre notas de zero a dez que os/as professores/as dariam aos seus alunos(as) pelo tratamento recebido em sala de aula, a maioria expressiva avaliou com notas até 6,0. O que define esta relação regular, o que se entende que há a necessidade de certa urgência na melhoria desta relação para se estabelecer uma relação mais produtiva no processo ensino-aprendizagem.

Demonstraremos a seguir os gráficos sobre o questionário respondido pelos alunos:

GRÁFICO 1



GRÁFICO 2



Os 6% dos alunos dizem que os/as professores/as gostam sempre de maltratá-los verbalmente, ou melhor, dizem que os alunos são totalmente desinteressados o que constrói uma imagem negativa do/a aluno/a.

GRÁFICO 3

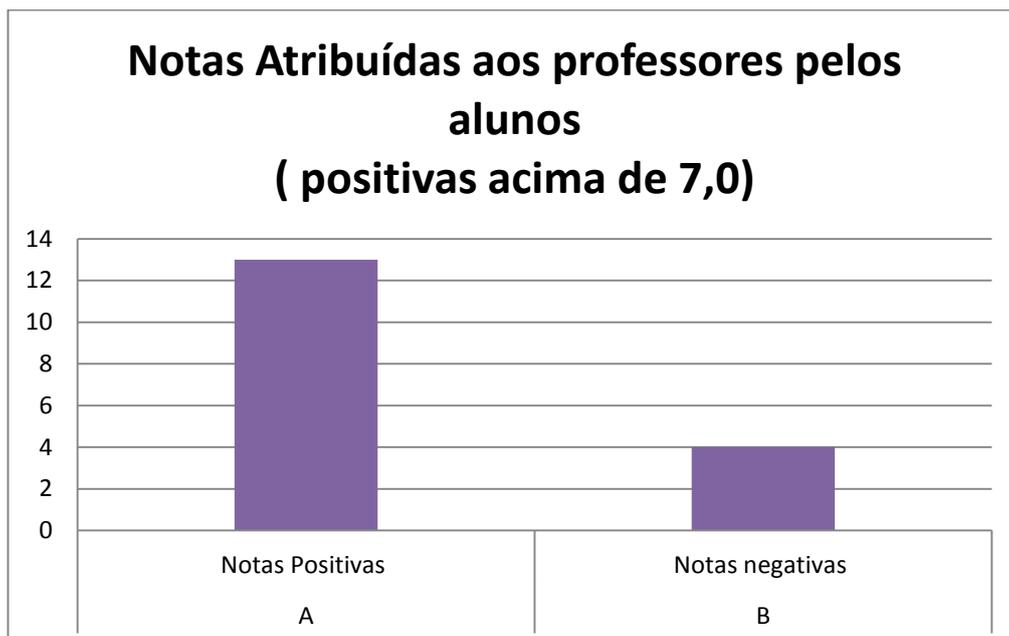


GRÁFICO 4

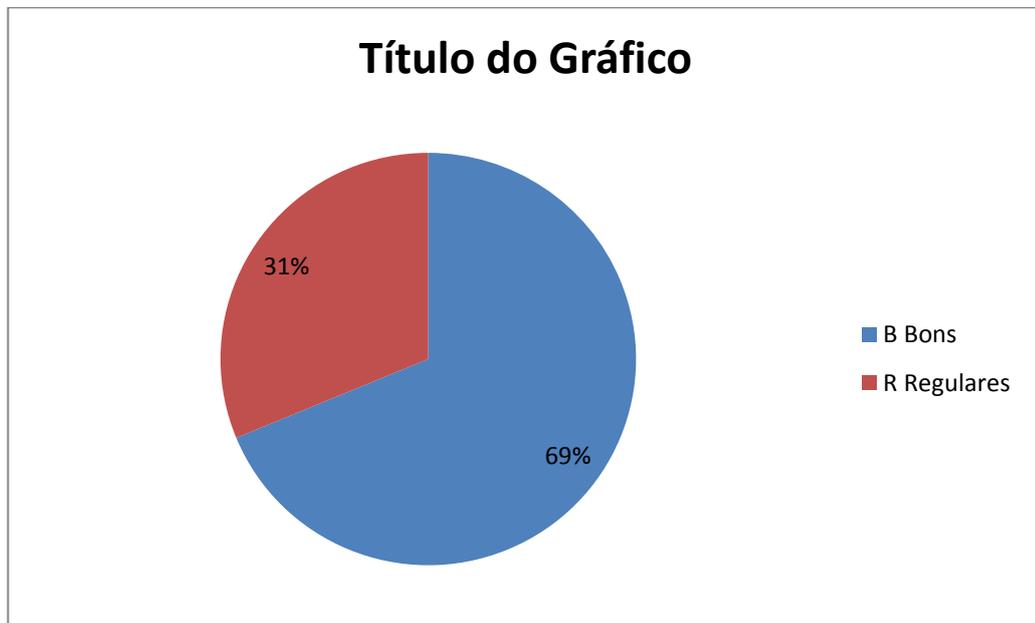
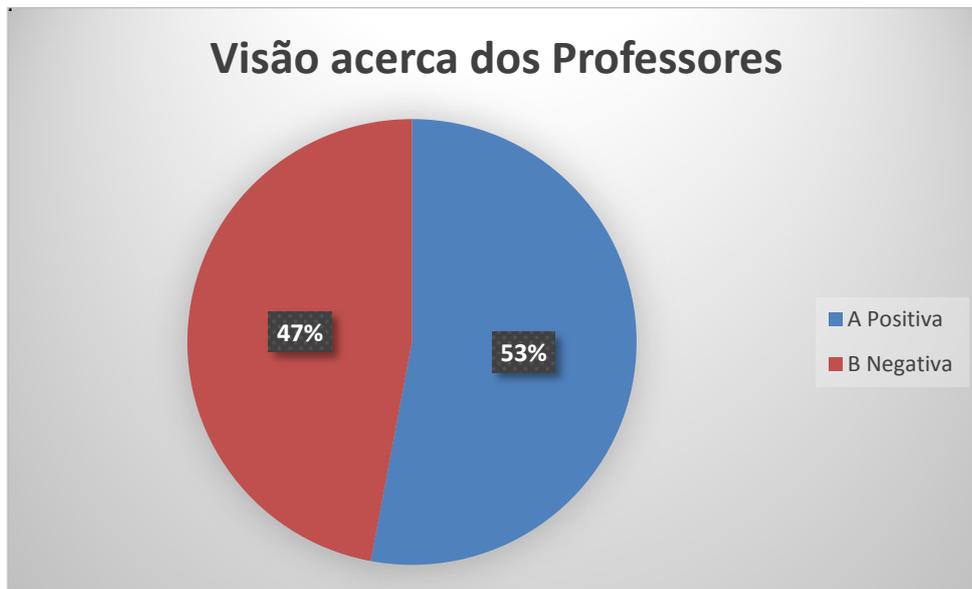


GRÁFICO 5



O que se percebe no gráfico acima: é que os aluno/as se omitem de responder ao quesito de forma coerente com a realidade, talvez por anseio ou medo de ser mal visto pelos/as professores/as.

GRÁFICO 6

Dos 15 alunos/as consultados/as 47% tem uma visão de negatividade dos seus/as professores/as, consideram estes/as professores/as mal-educados, desmotivados e que mantêm um ar de superioridade sobre os/as e acham que estes alunos/as não são capazes de aprender nada. Enquanto que 43% visam seus/as professores/as como amigos dinâmicos e assumem uma postura positiva acerca dos seus/as alunos/as.

Pode-se perceber que uma boa parte dos alunos manifesta uma visão negativa dos seus/as professores/as.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma em um mundo em que a tecnologia significa progresso e modernização, quando as pessoas e as instituições são necessariamente obrigadas a viverem e compartilharem as novas tecnologias que vão sendo inventadas, a escola e os profissionais da educação precisam encontrar seu lugar nesse novo contexto, no qual é de extrema relevância mudar essa visão do/a professor/a de que o/a educando/a é apenas sinônimo de “inquietação”, de “incapazes e sem futuro” etc. Portanto, é preciso que este profissional seja capaz de entender que ser jovem é também “errar”, “esquecer”; é “amar e deixar de amar”, “rir e depois chorar”, fazer “coisas loucas” e depois, descobrir que elas não têm sentido algum; é ter conversas produtivas, sérias e outras nem tanto; é ter amigos que juram ser para sempre, embora não durem tanto assim, é ter professores/as que os adoram e outros nem tanto, é tirar nota baixa e ter que recuperar de todo o jeito.

No entanto, é preciso compreender que este perfil é próprio da adolescência, etapa que se caracteriza dos 12 aos 20 anos, segundo alguns teóricos essa fase da vida é comum entre os seres humanos. Os jovens sempre desempenham um papel importante na história dos povos, por isso, são fundamentais e devem exercer papel preponderante. Contudo, é necessário estimular esses adolescentes para mostrar-lhes que são capazes e inteligentes. A nosso ver, as armas mais poderosas são: o diálogo, a afetividade e a criatividade, que podem mostrar que estes/as jovens devem contribuir com o futuro de nosso país uma vez que sempre desempenharam e ainda desempenham um papel importante nas sociedades.

Uma boa parte dos educadores está acostumada a dizer que os jovens são “sem futuro”, no entanto é preciso lembrar que eles já foram responsáveis por grandes mudanças na política de nosso país, a exemplo do que foi feito nos anos 80 quando desencadearam o movimento pelas diretas-já e quando se denominaram de caras pintadas numa ação que resultou no impeachment do então presidente Fernando Collor de Melo.

Para tanto, é necessário que o/a professor/a estabeleça uma relação entre as possibilidades de ser jovem e as possibilidades de ser aluno, assim novas possibilidades irão surgir a respeito da visão do/a professor/a na construção de saberes, na valorização da escola como um espaço privilegiado para a produção do saber e como um dos elementos formadores

da cultura o que significa estabelecer uma relação de pertencimento com o ambiente escolar, problematizando a ação pedagógica e o ensino-aprendizagem na relação entre educadores.

A partir da realização deste estudo, podemos refletir a importância de desenvolvermos comportamentos e atitudes que facilitem a relação entre educadores/as e educandos/as para construção de um processo mais adequado de ensino-aprendizagem. Para que isso ocorra, identificamos que é preciso estabelecer relações de parceria, nas quais os/as alunos/as tenham participação ativa na sua própria aprendizagem e os docentes tenham a responsabilidade de viabilizar esse processo através de comportamentos e atitudes, a partir do respeito mútuo, atenção, empatia, diálogo, reciprocidade do conhecimento além do estímulo e motivação para a participação de todos os envolvidos neste processo.

Diante do exposto, podemos salientar que a comunicação pode ser uma estratégia essencial para uma boa interação entre alunos/as e professores/as, através da qual se estabelece uma relação para a construção de uma imagem mais positiva do/a aluno/a na prática pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Aidil J. da S. **Fundamentos de metodologia científica**. 3º ed. São Paulo: Peorson Prentice Hall, 2007.

COELHO, Debora de Moraes; apud WORTH, Wads, **Adolescência e o emaranhamento de si**. Porto Alegre – RS, 2010

COUTINHO, Luciana Gageiro. **O Bom professor e sua Prática**. Campinas: Papyrus, 1989.

CUNHA, Betânia Borges. **A descoberta da imagem do aluno na visão do professor**, São Paulo, 2001.

DAYRELL, Renata Paschoalino. **Discutindo a relação: O que dizem alunos e professores**. 1ºed. Região Sul: XI Anped Sul Seminário de Pesquisa em educação, 2003, Porto Alegre, Editora Ariel.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. **Minidicionário Aurélio**. 2º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

FREIRE, Paulo. **Relações dialógicas entre professores e aluno na sala de aula a partir das contribuições de Paulo Freire** 2º ed. 2009, São Paulo.

JESUS, Palácios e ALFREDO, Oliva **A adolescência e seu significado evolutivo: teorias sobre adolescência** - 2º ed.- São Paulo: Cortez, 2001.

LIMA, A. Araújo, **Relacionamento professor-aluno na visão do professor**. 1º ed. Rio de Janeiro: Ática, 1984.

MARSIGLIA, Tania; apud GOULART, Bertoldo J. da S.; SANTOS, Bibiano B. **A construção historia da adolescência e da Juventude**. São Paulo, 2008.

PERALVA, Zibell Gunter; SPOSITO, A. M. Bahia. **Espelho meu, quem é mais politicamente correto**. Queluz, São Paulo, 1997.

PIAGET, Jean. **Seis estudos da psicologia**. 24º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

QUELUZ, M. E. D. A. **O Repensar da didática a partir do estudo da dominação e resistência no cotidiano escolar**. São Paulo: Revista da faculdade de educação, 1999.

RANGEL, Mary apud; ZABALA, Emília. **A imagem Real e a Imagem Ideal do “Bom Aluno”**. Universidade Federal Fluminense (UFF). 2006.

REVISTA VEJA, **Professores e Alunos no Cotidiano Escola**. 30° ed. São Paulo, 1984.

SPOSITO, B. B. Cabral. **A cultura dos alunos na visão dos professores**. São Paulo.

WELL, P. Pierre. **Imagens Quebradas: Trajetórias e tempos de alunos e mestres**. 5° Ed. Petrópolis: Vozes, 1971.

Site: educador.brasilecola.com/etica/relacionamento.professor-x-aluno.htm. Acesso em 10 fevereiro de 2014.

Site: www.sapientia.puscp.br/tde_busca/arquivo.php?CodArquivo=7602. Acesso em 03 de março de 2014

Site: www.chef.br/eduhq/html/publicacoes/links...links/capas_htm. Acesso em 16 de abril de 2014

Site: www.sopsp.org.br/index.php/importancia-da-relacao-professor-x-aluno. Acesso em 30 de abril 2014

Site: coral.ufsm.br/gepeis/wp-content/uploads/2012/01/andrea-becker-narvaes1. Acesso em 21 de maio de 2014.

APÊNDICE

Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Monsenhor José Borges de Carvalho

Alagoa Nova – PB, ____/____/____

Aluno (a): _____

QUESTIONÁRIO PARA OS(AS) EDUCANDOS(AS) DO ENSINO MÉDIO

1) Qual sua relação em sala de aula com o seus professores(as) ?

2) Qual sua visão a cerca dos professores(as) ?

3) Como você define a relação de afetividade entre você e seus professores(as) ?

4) Você é maltratado verbalmente pelos seus professores(as) ?

5) Como você avalia hoje seus professores(as) em sala de aula?

6) Que nota de zero à dez você daria aos seus professores(as), pelo tratamento recebido em sala de aula?

Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Monsenhor José Borges de Carvalho

Alagoa Nova – PB, _____/_____/_____

Professor(a): _____

QUESTIONÁRIO PARA OS(AS) EDUCADORES(AS) DO ENSINO MÉDIO

1) Qual sua relação em sala de aula com o seus alunos(as) ?

2) Qual sua visão a cerca dos alunos(as) ?

3) Como você define a relação de afetividade entre você e seus alunos(as) ?

4) Você é maltratado verbalmente pelos seus alunos(as) ?

5) Como você avalia hoje seus alunos(as) em sala de aula ?

6) Que nota de zero à dez você daria aos seus alunos(as) pelo tratamento recebido em sala de aula?
